

Emerson J. Prates – Juiz OBJO/FOB
texto e fotos

Melhorando a qualidade dos Periquitos Ondulados Ingleses

Quarta parte

1.2. O comportamento dos periquitos australianos em cativeiro (2ª parte):

Mas, por que as fêmeas permitiriam a cópula com mais de um macho? Por que responderiam ao estímulo sexual propiciado por outros machos mesmo pertencendo a uma espécie monogâmica? Por que seriam mais seletivas em relação aos pares reprodutores que os machos? (em resposta ao artigo anterior)

A resposta dada pela etologia é simples: Por que as fêmeas são responsáveis pela reprodução na grande maioria das espécies de animais. São elas que têm a tarefa de chocar os ovos, proteger o ninho e criar os filhotes. São elas que gastam maior energia com a criação dos filhotes e querem que seus filhotes sejam vigorosos, férteis e, se possível, apresentem alta taxa de variabilidade genética para melhor competir num ambiente cheio de predadores e parasitas (teoria da “rainha vermelha” ou numa tradução melhor do inglês a “teoria da rainha de copas” emprestada da Entomologia – “maior variação genética favorece a produção de fenótipos resistentes a determinado parasita que esteja no ambiente e possa estar sendo favorecido no momento por algum fator ambiental”). Que todo o dispêndio energético investido na reprodução tenha dado bons resultados perpetuando seus genes e os de sua espécie. Portanto, serão elas que, na maior parte dos casos, escolherão seus parceiros (preferencialmente do sexo oposto).

Para entendermos melhor essa importante nuance do comportamento reprodutivo dos periquitos, mesmo sendo monógamos, lembremos da lógica da cauda do pavão: “Como o macho pôde sobreviver até agora com uma cauda tão grande, exuberante (chamativa) e pesada, sem que nenhum predador pudesse devorá-lo? É sinal que possui vigor tal que poderá gerar filhotes tão bons quanto ele”. É essa a lógica que a fêmea utiliza na natureza para escolher seus parceiros, principalmente nas espécies que não são monogâmicas como a dos pavões.

Outro exemplo, para entendermos o

comportamento reprodutivo promíscuo das fêmeas na natureza e mesmo no cativeiro, é a interação entre os casais de algumas espécies de fringídeos monogâmicos. As fêmeas de chapim azul estando acasaladas com um macho considerado de vigor médio (cuja cor da plumagem é desbotada) permitem que um segundo macho considerado mais vigoroso (com a cor da plumagem brilhante e de cores fortes e de comportamento reprodutivo promíscuo), fertilize parte de seus ovos. Resulta daí uma prole mista que comporta cerca de metade dos filhotes do macho vigoroso e metade do macho médio. Assim, o macho médio, apesar de sua combinação genética teoricamente inferior, criará todos os filhotes propiciando a fêmea um ganho (*fitness*) reprodutivo superior.

O motivo da perpetuação do comportamento promíscuo feminino numa espécie com características monogâmicas (monogamia relativa) estaria situado num nível meramente biológico. Para entender melhor o que leva a tal singularidade comportamental, poderíamos supor que as fêmeas que aleatoriamente possuíam comportamento reprodutivo promíscuo, mesmo numa espécie monogâmica, sempre tiveram maior sucesso reprodutivo do que as fêmeas fiéis aos seus companheiros, ou seja, produziram maior quantidade de descendentes viáveis, que conseguiram reproduzir perpetuando o comportamento promíscuo na espécie, vencendo a batalha reprodutiva no ambiente específico onde habita.

Mas qual seria esse motivo biológico que levaria ao comportamento promíscuo de machos e fêmeas afinal. Na realidade quando o número de indivíduos de uma espécie for reduzido, haverá uma saturação genética na população, ou seja, uma tendência a aumentar a homozigose entre os pares de genes de cada exemplar. Uma taxa de homozigose alta, por sua vez, pode levar progressivamente a diminuição da viabilidade dos indivíduos a cada nova geração. Uma progressiva diminuição de viabilidade pode determinar a extinção de uma espécie e se dá pelo surgimento e

fixação de mutações deletérias numa população. Os reflexos da perda de viabilidade são percebidos facilmente no fenótipo dos indivíduos caracterizando-se pela contínua diminuição de tamanho, fertilidade e resistência a doenças, bem como o surgimento de comportamentos desviantes em função de deteriorações do córtex cerebral. Para evitar a deterioração genética as fêmeas (nas espécies que a tarefa de cuidar os filhotes é em maior parte ou exclusiva delas) buscariam nos cruzamentos extra-par uma alternativa para evitar a homozigose e promover a viabilidade de seus filhos perpetuando seus genes.

Nos viveiros comunitários de periquitos observa-se o mesmo fenômeno. As fêmeas permitiriam que os machos mais vigorosos (mais afoitos, com narinas brilhantes, vôo contínuo, que não param quietos) fertilizassem seus óvulos. Já foram registradas ninhadas produzidas em viveiros que todos os filhotes pertenciam a outro macho. Os cruzamentos extra-par em periquitos parece também ser um mecanismo natural que propicia haver uma maior chance de ocorrer à fertilização. Embora, pareçam existir também exceções nesse item. Há fêmeas que demonstraram ser incapazes de escolher o macho certo, aceitando qualquer macho para acasalar.

Por outro lado, o melhorador deve ter em mente que seria impossível selecionar características em uma colônia na qual todos os casais pudessem travar um contato mútuo. Isolar cada casal facilita em muito o manejo geral e de melhoramento genético. Já comentei antes que tal procedimento favorece identificar quais famílias apresentam uma melhor combinação genética.

Então a melhor estratégia para criação de periquitos de exposição é a formação do que podemos chamar de “colônia modificada” como já é de conhecimento a muito tempo dos criadores mais experientes e foi comentado no artigo 2. Na colônia modificado cada casal é alojado em uma gaiola específica podendo ouvir o som produzido pelos demais. Quanto à questão de ver os demais casais individualizados,



pode ser positivo para alguns casais quando isso estimula o casal a reproduzir ou negativo quando um dos pares (geralmente o macho) é muito "ciumento" e passa maior parte do tempo querendo rechaçar o macho que está na gaiola próxima. Outro inconveniente poderia ocorrer quando pretendemos formar um casal, mas, um dos periquitos prefere mais o da gaiola vizinha. Nessas ocasiões a melhor saída seria impedir que os periquitos de uma gaiola vejam os das outras.

Como foi comentado no artigo 2, os periquitos necessitam pelo menos ouvir outros periquitos para procriarem melhor. Embora, quando comecei a criar periquitos adquiri apenas um casal adulto (e que já havia procriado antes) e por incrível que pareça em nenhum momento precisaram ouvir outros periquitos para procriar. De qualquer forma isolar animais que instintivamente formam grupos para se proteger na natureza não será uma boa atitude do criador salvo exceções como acabei de comentar acima. Está comprovado que machos e fêmeas amadurecem sexualmente mais rápido quando em contato com seus congêneres. As fêmeas são estimuladas a ovular na presença de maior número de machos.

As vocalizações ou se preferir o "canto gorjeio" emitido pelos machos, seriam processadas em área específica do córtex cerebral das fêmeas saudáveis, servindo como gatilho do lançamento de hormônios sexuais na corrente sanguínea e o respectivo surgimento do comportamento reprodutivo feminino.

Inclusive, é curioso que mesmo os machos costumam parar de "gorjejar"

quando a fêmea termina a postura, está chocando ou criando filhotes. Nos periquitos por mim observados, o retorno dos gorjeios do macho variou de periquito para periquito e geralmente coincidiu com a quase independência do filhote mais velho. Esse mecanismo parece evitar a agressão do macho e promover seu investimento parental na prole "assumindo" os reveses do cuidado e criação dos filhotes segundo minhas observações (não há registro anterior desse fato, sendo pela primeira vez revelado neste artigo).

Alguns periquitos machos, porém, parecem apresentar falhas no "instinto" (padrão de ação fixa) de criar filhotes, quebrando os ovos de suas companheiras, ou comendo patas e pontas de asas dos filhotes, arrancando penas, tentando copular os filhotes ou matando-os dentro ou fora do ninho. Em 22 anos criando periquitos presenciei poucas vezes a ocorrência de expressões comportamentais dessa natureza. Os machos pareceram atacar seus filhotes com maior frequência após abandonarem o ninho algo, que geralmente coincide com a preparação do casal para uma nova postura, ou seja, o macho estar copulando com a fêmea. Assim sendo, enquanto os filhotes estavam dentro do ninho o comportamento agressivo de alguns machos nunca se expressou, segundo minhas observações pessoais. Quanto à agressividade direcionada aos ovos, os poucos machos que vieram a quebrá-los sempre o fizeram enquanto a fêmea estava em plena postura de ovos e raramente depois, ou seja, enquanto a fêmea estava permissiva a cópula.

As fêmeas, tanto quanto os machos, podem expressar comportamento agressivo durante a reprodução e é curioso que tal comportamento parece se expressar com maior intensidade quando a fêmea é estimulada pelo ninho. Fato que provavelmente altera a carga hormonal das mesmas. Fêmeas dóceis ao manejo e que nunca haviam bicado a mão do tratador antes de expostas ao ninho, tornam-se extremamente agressivas ao manejo nesse momento, voltando ao normal (ou não) quando é retirado o ninho.

O comportamento defensivo do ninho seria fundamental para evitar a predação e a favorecer a sobrevivência da prole em condições naturais, mas, em alguns casos parece que a fêmeas são hipersensíveis aos hormônios relacionados à reprodução (ex. oxitocina) ou talvez os produzam em carga maior que o normal. Há casos extremos que algumas fêmeas predam totalmente a sua própria ninhada como se estranhassem os ovos recém postos ou, quando há filhotes, o crescimento dos mesmos. Durante o desenvolvimento dos filhotes a agressividade da fêmea pode variar desde simplesmente arrancar penas de um determinado filhote até matar todos os filhotes ainda dentro do ninho. Nesse último caso a fêmea deve ser prontamente eliminada. Lembremos da regra de evitar utilizar na reprodução periquitos com desvios comportamentais. Também é importante lembrar que o tipo de alimentação ou até mesmo a conversão alimentar do próprio periquito podem levar a desvios comportamentais (presença de micotoxinas e ou excesso de metais na alimentação e parasitas e ou infecções de

qualquer natureza).

Percebi também que alguns periquitos, não só machos como fêmeas, apresentam outro tipo de comportamento no mínimo curioso. Tem a preferência por um ou outro filhote principalmente se a cor dele corresponder a do parceiro acasalado, ou a sua própria ou ainda de cor totalmente diferente da sua ou do parceiro, agredindo ou negligenciando (deixando de alimentar) os demais filhotes (mesmo dentro do ninho). Embora, esse tipo de desvio comportamental tenha sido pouco observado entre os casais de periquitos até hoje, também deverá entrar na lista dos itens a serem eliminados do plantel.

O criador melhorador deve estar ciente que as agressões dirigidas aos filhotes, que resultam na morte de alguns deles, podem levar a perdas irreparáveis numa linhagem, principalmente se o criador mantém poucos casais ou se essa linhagem corresponda a uma variedade rara difícil de ser encontrada para novas aquisições.

Portanto o uso de gaiolas que possuem grades divisórias para a reprodução dos periquitos, mostrou ser muito eficaz para evitar ferimentos desferidos pelos pais aos filhotes e para impedir que os machos quebrem os ovos das fêmeas com eles acasaladas. No caso dos filhotes basta ter cuidado em colocar divisórias que possuam espaço suficiente entre os arames que permitam passar parte da face, porém, não toda a cabeça dos filhotes. Nesse caso, poucos minutos depois de colocada a grade os pais alimentarão normalmente seus filhotes.

No caso específico de evitar que o macho quebre os ovos de sua companheira, basta anotar o dia em que a fêmea iniciou a

postura, separar o macho pela grade na manhã do dia que coincide com a data da postura de um próximo ovo e apenas recolocá-lo em contato com a fêmea e o ninho no final do mesmo dia (para permitir que continue fertilizando a fêmea), logo após ter retirado o ovo posto. O ovo retirado deve ser substituído por um ovo indez de plástico para evitar que a fêmea abandone o ninho e mesmo que o macho insistentemente o ponha pra fora deve ser sempre recolocado na cavidade do ninho.

É importante lembrar que as fêmeas com saúde normal costumam por ovos entre as 12 e 14h do dia. Os ovos devem ser devolvidos para fêmea quando concluir a postura (rodada), substituindo-se os indezes e nesse instante o macho deve permanecer separado pela grade até que todos os ovos tenham eclodido. Apenas após a eclosão o macho deve ser recolocado com a fêmea verificando-se, porém, se ele não irá jogar também os filhotes para fora do ninho.

Em minha opinião portanto é fundamental utilizar gaiolas com grade divisória na criação dos periquitos imitando os criadores de canários que já fazem isso há quase 100 anos. Outra técnica para evitar a agressão dos filhotes seria simplesmente retirar o agressor deixando o outro pai terminar de criá-los. Percebi que o macho quando é habilidoso na criação dos filhotes, aceita bem a retirada da fêmea e ele permanece alimentando os filhotes até tornarem-se independentes. Mais uma vez é fundamental saber se o periquito é capaz de cumprir com sua tarefa natural.

O mesmo pode ser feito com a fêmea, mas, o criador deve estar atento se a

fêmea não se tornou dependente do macho para se alimentar e se a retirada dele não irá afetá-la. Caso isso venha ocorrer o macho pode permanecer separado pela grade alimentado apenas a fêmea. Como falei na primeira parte do artigo o criador deverá utilizar toda a sua capacidade de observação durante a criação dos filhotes respeitando as diferenças individuais dos periquitos, mas, não esquecendo do rigor na seleção do comportamento dos periquitos.

Resumo do texto:

Dicas para o melhorador:

1 – Tanto nas aves como nos mamíferos as fêmeas são as principais responsáveis pela reprodução (e seria um erro técnico grave pensar apenas na seleção dos machos e não das fêmeas para reprodução e formação de linhagens).

2 – O comportamento promíscuo das fêmeas foi relacionado à busca de melhores genes para proporcionar viabilidade à prole.

3 – A expressão do comportamento promíscuo das fêmeas se acentua quando a população de machos for pequena.

4 – Os casais de periquitos devem ser alojados uns próximos dos outros em gaiolas individuais – colônia modificada.

6 – O comportamento agressivo dos periquitos pode ter causas multifatoriais.

7 – O uso da grade divisória permite controlar a agressividade dos pais dirigida aos ovos e filhotes.

